OS CAMPISTAS

Sábado à tarde. Acaba-se a semana
Que dizem ser inglêsa;
e numa fila indiana
ou em confusos bandos,
vestidos com excessiva singeleza,
cruzam a Baixa uns tipos miserandos,

e correm prossurosos,
dando elasticidae a pernas fracas,
curvados sobre fardos volumosos
e ajoujados de sacas.

São acaso simples caminheiros?
Carregadores existencialista?
Peregrinos? Romeiros?
Não, senhor; são campistas.
Sonham com o ar livre e a solidão;
vão descansar das lides semanais,
arejar o pulmão,
fartar de verde as húmidas pupilas,
e passar, e viver, horas tranquilas,
debaixo de uns pinhais
e em cima das mochilas.

Goza-se à bruta. Dorme-se no chão,
comem-se rabanetes e raízes,
que é o que é bom para a alimentação;

e, contentes, felizes,

descansando o corpinho;

se querem água vão buscá-la à fonte

que fica ali de fronte,
depois de duas horas de caminho.

E gritando "Evohé", brindando a Pan,
os ossos enfeixados,
voltam segunda-feira de manhã
transportando no bucho,
além da sua inquebrantável fé,
duas ou três espinhas de cachucho
e vinte e tal quilómetros a pé.

Um conselho, porém:
se querem um campismo sossegado
com boa sesta e respirando bem,
o saír para fora é mal pensado...
Vão armar as barracas no Chiado,
onde aos domingos não se vê ninguém.

SILVA TAVARES.

Mata Sequeira

FOI UM ELEVADO E BRILHANTE

acto de consagração e apreço

a sessão de homenagem

a Gustavo de Matos Sequeira

levada a efeito pela Casa da Imprensa

para comemorar os seus cinquenta anos de jornalismo

Cinquenta anos de jornalismo — o que quer dizer meio século na primeira linha de uma batalha que não sofre intervalos, com o cérebro e o coração na sujeição permanente a uma prova que não se compadece com fadigas — são, na realidade, uma coisa digna de destaque. Gustavo de Matos Sequeira, talento multiforme e actividade exuberante, completou cinquenta anos de jornalismo. Numa iniciativa feliz, a Casa da Imprensa, obra notável erguida pela Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa para dignificar uma classe e afirmar uma saudável e construtiva presença na vida portuguesa dos que trabalham nos jornais, deliberou homenageá-lo, para que não passasse em claro, sem o sublinhado merecido, este facto excepcional. A essa iniciativa dá O Século o seu inteiro aplauso, não podendo estar ausente de uma ideia que teve por objectivo enaltecer os méritos privilegiados e o trabalho fecundo de um jornalista que há trinta anos exerce, de maneira efectiva e ilustre, a sua profissão nesta casa. Foi uma autêntica sessão de consagração, elevada, digna, a que não faltaram as notas de ternura e as palavras desapaixonadas de justiça. Matos Sequeira está em plena pujança de faculdades. Não se tratou, portanto, de uma despedida. As afirmações de admiração e apreço que recebeu continuaram a ter o valor de um agradecimento e de um estímulo. Mas isso não obstou a que o desfiar de casos e a evocação de outros tempos fizesse surgir, de quando em quando, uma onda de saudade e de emoção, uma emoção e uma saudade que cinquenta anos de jornalismo plenamente justificam.

O amplo salão da Rua da Horta Seca foi pequeno para o elevadíssimo número de pessoas que quiseram prestar a Matos Sequeira o apoio dos seus aplausos e a homenagem da sua presença. Receberam-nas Artur Portela, J. M. Boavida-Portugal e José Salsa, dos corpos gerentes da Casa da Imprensa. A presidência da sessão foi assumida pelo sr. tenente-coronel Salvação Barreto, presidente da Câmara Municipal, que tinha à direita o homenageado e o sr. João Pereira da Rosa, director do *Século*, e à esquerda os srs. dr. Laranjo Coelho, que representava a Academia das Ciências, e Artur Portela, presidente da assembleia geral da instituição promotora da homenagem e que foi o primeiro orador da sessão. Começou por dizer que Matos Sequeira pertence ao património de Lisboa, e — prosseguiu — uma das estátuas vivas do seu foro citadino. Praticamente desconhece-se a sua idade. Rezam antigos cronicons que foi visto a falar com o inglês Osborne e que presenciou a tomada da Alcaçova.

(Continuação na 5.ª pág., 5.ª col.)

VIVECA LINDFORS em UMA ONDA DE PANICO E DE MORTE!
REVOLTADOS
COLORIDO com RICHARD CONTE e BARBARA BRITTON
SABADOS E DOMINGOS — MATINÉES INFANTIS

A BÊNÇÃO

da frota bacalhoeira

celebra-se no domingo em Belém

No domingo, às 11 horas, o sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, arcebispo de Mitilene, dará a bênção, em Belém, aos navios da frota bacalhoeira que se preparam para largar. O sr. arcebispo de Mitilene celebrará missa votiva de boa viagem, boa pesca e rápido regresso, para os 48 navios e 5.000 marinheiros e pescadores, num altar expressamente erguido para esse fim, no qual será colocada a imagem de Nossa Senhora de Fátima destinada à catedral de S. João da Terra Nova, oferecida pelos lavradores do mar.

Perante os navios engalanados celebrar-se-á a cerimónia, acompanhada por uma grande orquestra e coros, sob a regência do maestro Dias Pombo, a qual assistirão membros do Governo, altas patentes da Armada e muitas outras personalidades ligadas às actividades e fainas do mar; os capitães, oficiais da frota, radiotelegrafistas e pescadores e muitas pessoas de suas famílias.

A Agência-Geral do Ultramar

vai adquirir obras de arte

Uma portaria do Ministério do Ultramar manda abrir no orçamento privativo em vigor da Agência-Geral do Ultramar um crédito especial de cem contos destinado à aquisição de obras de arte de autores portugueses especialmente relacionados com os problemas e realidades de além-mar.

HEMOR TUBO 16 ESC. PARA TODOS OS CASOS DE HEMORROIDAL

A MEMÓRIA

de sir Alexander Fleming vai ser homenageada com um serviço religioso na igreja inglesa

O embaixador britânico, sir Charles Stirling, manda rezar amanhã, às 12 e 15 na igreja inglesa de S. Jorge, um serviço religioso em memória do grande sábio sir Alexander Fleming, descobridor da penicilina.

30013
Por este número de telefone poderá dar as suas ordens a Joalharia Mergulhão — R. de S. Paulo, 162

General Humberto Delgado

A rede de televisão W. T. A. R., de Norfolk (Estados Unidos), dedicou um período da sua emissão a Portugal, emitindo uma entrevista com o sr. general Humberto Delgado, representante português no Sacian. O entrevistador, Joel Carlson, teceu elogioso comentário sobre a figura do sr. general Humberto Delgado, o qual expôs o auxílio prestado

FOI ESTABELECIDA *uma pensão*

à viúva e filhos do chefe da Polícia Aniceto do Rosário

Uma portaria do Ministério do Ultramar concede a pensão total de preço de sangue de 18.518$40 a D. Corina Francisca Maria do Rosário, António Francisco e Maria Filomena, respectivamente, viúva e filhos do chefe do Corpo de Polícia do Estado da Índia Aniceto Patrocínio Francisco do Rosário, cavaleiro de Torre e Espada, morto ao serviço da Pátria.

AS ENCOMENDAS

para os soldados que estão na Índia têm chegado regularmente e em bom estado

O chefe do Estado-Maior do Quartel-General do Comando Militar do Estado da Índia agradeceu à Cruz Vermelha Portuguesa, em nome do comandante militar, em seu nome pessoal e no das forças sob o seu comando, as lembranças e encomendas enviadas que de uma maneira geral, têm chegado em bom estado. Por seu turno, o chefe do Estado-Maior, em nome do comandante, oficiais, sargentos e praças, agradeceu também àquela instituição as encomendas e lembranças que lhes foram distribuídas, transportadas pelo aviso «Afonso de Albuquerque» e paquete «S. Tomé».

O presidente da direcção da delegação da Cruz Vermelha em Goa informou igualmente que haviam sido distribuídas, em menos de quatro dias após a sua recepção, as lembranças e encomendas enviadas pelo «S. Tomé». Todos os volumes chegaram em bom estado.

Os funcionários de todas as categorias da Administração-Geral dos C. T. T. entregu...

general Costa Andrade, comandante da 4.ª Região Militar; José Homem Vieira Lopes, presidente da Junta de Província do Alto Alentejo; drs. Evaristo Marques, delegado do I. N. T. F.; António dos Santos Cartaxo Júnior, em representação do chefe do distrito; e Baltasar de Bivar Branco, delegado de Saúde do distrito.

Foram, também, recebidos all numerosos telegramas e cartas de pêsames de muitos pontos do País, nomeadamente dos srs. núncio apostólico, subsecretário de Estado da Agricultura, arcebispo de Mitilene, bispo da Guarda; D. António de Campos, bispo auxiliar do Patriarcado; provincial das Carmelitas e Irmãs Dorotéias, de Braga; governador civil de Beja; reitor do Seminário dos Olivais; drs. António Luís Gomes, pela Fundação da Casa de Bragança; Camarate de Campos, Manuel Varela Cid, assim como muitas instituições religiosas e de assistência.

O conselho administrativo da Fundação da Casa de Bragança resolveu dar em memória do sr. arcebispo de Evora 2.000$00 ao Seminário de Vila Viçosa e uma bolsa de estudo para um seminarista.

Amanhã, às 17 e 30, realizar-se-ão solenes exéquias, na Sé, com a assistência de muitos prelados, clero da arquidiocese e autoridades civis e militares. O funeral efectuar-se-á depois de amanhã, às 12 horas, após missa de «Requiem» solene...

A homenagem a Matos Sequeira

(Continuado da 1.ª pág.)

Desde então, os séculos têm conversado com ele. Assistiu a todos os factos famosos, misérias, grandezas e esplendores desta veneranda urbe, o marquês de Pombal assestou sobre ele a terrível luneta quando foi o terramoto e ordenou-lhe sibilinamente: «Espero que Matos Sequeira descreva-nos isso, ou leia na imortalidade, ao ano 1930!» E não se enganou. Lisboa deve-lhe muito. Crónicas, volumes de História e magistrais monografias de qualquer coisa como com volumes, toda uma biblioteca, distinguem-se, o que além de monumental e de valor, é também de exuberantemente, o labor deste homem, de quem se podia parafrasear o que D. Luís disse de Antero Chagas: «Durante dezenas de anos o Portugal inteiro tem ouvido o ranger da sua pena!»

O sr. Artur Portela disse ainda: «Matos Sequeira bem merece esta aurea corôa de louros! Saúdo-o em nome de todos os profissionais da Imprensa, que têm orgulho em sua obra admirável e na sua tão nobre e tão sagaz norma de personalidades». E, mais adiante: «Nesta comovente manifestação de apreço, glorifica a mitenária Lisbonna na sua imortal progenie, um dos seu preciaro fundador, deve ouvir-nos a gratidão e a piedade, e, descobrindo aqui, entre nós, Matos Sequeira, sente-se a dizer-lhe: amigo! Envia-me todos os dias, por um dos mensageiros velozes corvos vicentinos, notícias do nosso tempo, porque cá em cima infelizmente não se lêem jornais!»

O orador leu, a seguir, uma carta do sr. dr. Júlio Dantas, presidente da Academia das Ciências, que é um profundo apreço pelo homenageado.

«Matos Sequeira é um mundo, um mundo fantástico, impre-visto, um mundo que espanta» — disse Acúrcio Pereira

Seguiu-se Acúrcio Pereira no uso da palavra, para falar de «Matos Sequeira, jornalista», procurando traçar um retrato pitoresco e vivo do homenageado, salientando os pontos característicos da sua figura física e psicológica, afirmando:

«Este é o homem por fora, o homem que o Chiado vê passar há umas dúzias de anos, subindo ou descendo, com o porte de um fidalgo de Camões, Bocage e Gustavo de Matos Sequeira. Por dentro é outro mundo, um mundo fantástico, imprevisto, um mundo que espanta. Muitas vezes tenho perguntado a mim mesmo como pode caber em tão magras e tão escassas medidas de largura onde, como uma alma humana mortal, devem estar armazenadas visconas cousas, cartilagens, etc., cabe todo o resto. E justamente o que se passa com o cérebro e Gustavo de Matos Sequeira. Por dentro é

Finalmente!

O NOVO MODELO
COMODO, ELEGANTE, BARATO
4 LUGARES

está em EXPOSIÇÃO e DEMONSTRAÇÃO das 9h

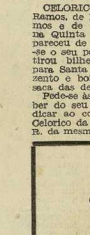
em LISBOA — Av. Eng. Duarte Pacheco, 15
no PORTO — Av. dos Aliados, 173
e nas Agências FIAT de todo o

DUARTE PACHECO

DESAPARECIDO

CELORICO DA BEIRA, 30. — Manuel Ramos, de 14 anos, filho de Manuel Ramos e de Maria do Carmo, residentes na Quinta da Várzea (Batoeira), desapareceu de casa de seus pais e ignora-se o seu paradeiro. Sabe-se apenas que tirou bilhete na estação de Celorico para Santa Comba Dão. Veste fato cinzento e boina espanhola, levando uma saca das de adulto, com alguma roupa.

Pede-se às autoridades ou a quem souber do seu paradeiro, o favor de o indicar ao correspondente do *Século* em Celorico da Beira ou ao posto da G. N. R. da mesma vila.



Os micróbios que vegetam na boca são, no maior número de casos, a causa de várias doenças. Opondo uma barreira tenaz a esses micróbios, que lentamente preparam o terreno gengival à infecção, dando lugar à **PIORREIA.**

PASTA MEDICINAL COUTO

pelo seu valor terapêutico é o dentífrico indicado para V. Ex.ª

Trata: Gengivas descarnadas ou sangrentas.

Evita: Estomatites mercuriais ou bismúticas.

A assembleia da Mundial aprovou as contas do ano passado e elegeu os dirigentes para o triénio de 1955-57

Sob a presidência do sr. dr. Tito Arantes, no impedimento, por doença, do sr. dr. Antônio Pedroso Pimenta, realizou-se ontem a assembleia geral ou Companhia de Seguros Mundial para apreciar as contas do exercício de 1954 e eleger a mesa da assembleia geral, a comissão recebida a referida na alínea *a*) do artigo 15.º dos estatutos e os conselhos de administração e fiscal.

Usaram da palavra, além do presidente do conselho de administração, sr. dr. Armindo Monteiro, que presidiu depois do conselho fiscal, sr. dr. Francisco Vieira Machado, e os accionistas srs. drs. Joaquim Rebelo Arnaud, Amândio Campos, Acácio Barreiros, Manuel José Lucas de Sousa, e Francisco Tinoco Marques. As contas, que foram aprovadas, apresentam um lucro de 3.581.467$00, ficando o capital e reservas elevados a 241.276.897$00. Os prémios processados em 1954 atingiram a alta cifra de 183.555.596$00 e os sinistros liquidados durante o exercício foram de 82.261.005$.

Para os cargos referidos foram eleitos: assembleia geral, srs. drs. António Pedroso Pimenta, Tito Arantes, José Manuel Valente, Manuel Pereira Medeiros, Luís Perestreio Esteves e Vasco Rimanoli Oliveira; comissão recebida a referida alínea *a*) do art.º 15.º srs. dr. António Pedroso Pimenta, Raúl Abecassis e dr. Tito Arantes; conselho de administração: srs. prof. dr. Armindo Monteiro, dr. Eduardo Correia de Barros, Henrique Abecassis, Júlio Bon de Sousa e drs. Mário Celisto e Vasco de Barros Queiroz; conselho fiscal: srs. Abílio da Silva Lourenço, drs. António Carreiro, Fernando Costa Duarte, Manuel António Pinto da Silva e Manuel José Lucas de Sousa.

No final, o presidente formulou votos pelas melhoras do sr. dr. Pedroso Pimenta.

Vão ser restituídos à Galeria de Dresde preciosos quadros levados para a Rússia na última guerra mundial

MOSCOVO, 30. — Um comunicado oficial anuncia que, após negociações entre a U. R. S. S. e a Alemanha Oriental, o governo soviético acedeu a restituir à Galeria de Dresde os quadros levados durante a última guerra.

Segundo o mesmo comunicado, entre os mencionados quadros figuram obras de Rafael, Ticiano, entre eles os «Parisienus»; Velasquez, com o «Infante de Matheus»; Rembrandt, incluindo um auto-retrato; Rubens, com o «Juízo de Paris»; e Poussin, com os «Narcisos, «Flora» e muitos outros. — *(R.)*

O SÉCULO em Faro

Quarta-feira, 30 de Março

CAMPANHA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS — No sua visita ao Algarve, o sr. subsecretário da Educação apelou para os dirigentes dos estabelecimentos de ensino secundário, no sentido de darem o seu apoio efectivo à causa da Campanha de Educação de Adultos.

O conselho escolher da Escola Industrial e Comercial esteve agora uma proposta do seu director para a criação de uma comissão de professores e alunos dos últimos anos, encarregada de orientar e coordenar vontades e energias em prol da Campanha. E assim deliberou-se abrir já uma inscrição para pessoas de família e de relações dos educandos, que tenham interesse em receber o ensino primário elementar em regime de Campanha. Este iniciativa mereceu bom acolhimento graças ao entusiasmo e ao interesse dos professores e alunos, daquele estabelecimento de ensino. Conta a comissão levar a efeito uma sessão de propaganda no ginásio da escola, em data a fixar, para o que tem já o dedicado apoio do sr. director do distrito escolar.

É digna de todo o apreço esta iniciativa da Escola Industrial e Comercial de Faro, dado o seu significado de patriótica Campanha contra o Analfabetismo.

VIDA CATÓLICA — No dia 16 de Abril, a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima entrará processionalmente na paróquia da Sé e conservar-se-á no templo daquele lugar até ao domingo seguinte.

— Vai passar a ser celebrada, todos os domingos, missa na igreja de Santo António do Alto, o que traz estimáveis vantagens aos naturais que vivem nas proximidades daquele templo.

VIDA CATÓLICA

A PROCISSÃO das Dores de Nossa Senhora realiza-se no domingo em Mafra pela segunda vez após mais de sessenta anos de esquecimento

Integrada nas solenes festividades da Semana Santa, realiza-se no domingo em Mafra, pela segunda vez após mais de sessenta anos de esquecimento, a secular procissão das Dores de Nossa Senhora. Conhecida pela «procissão da Burrinha», celebrizou-se por um dos seus mais graciosos e emotivos andores representar a fuga para o Egipto, realizou-se pela primeira vez em 1783, por iniciativa da Irmandade de Nossa Senhora das Dores (Mafra Velha), instituída em 1780, sendo alas dos andores as senhoras das melhores famílias da velha vila.

Aos últimos artistas da Escola de Escultura de Mafra, oficina de incomparável projecção artística, no todo o século XVIII, podemos atribuir a execução desta rica documentação artística cheia de realismo e de valor ingénuo e popular, não isenta, no entanto, da boa modelação e composição bem acentuadas na arte portuguesa daquela época. Ao escultor Joaquim José de Barros Laborão (1762-1820), um dos últimos dirigentes daquela Escola, discípulo e aluno dente do escultor João Cristóstomo Policarpo da Silva (1734-1798), este especializado na execução de figuras de pasta, carros de triunfo, imagens de procissões, etc., podemos, à míngua de documentos, atribuir o sentimento e atribuir toda a graciosa figuração da arte sacra, cerca de cinquenta imagens, só lembrando os monumentais presépios napolitano do século XVIII.

Num dos últimos anos do século XIX, segundo parece — 1894 — realizou-se a última procissão, já com as imagens muito deniticadas, num lastimoso estado, desaparecendo grande parte dos vistosos vestuários de sedas e damascos da época. Subsistiram as imagens, quase irreconhecíveis pelos danos causados pelo tempo e pela incúria dos homens, arrecadadas no Palácio Nacional, e algumas vestes e acessórios guardados no Hospital de Nossa Senhora das Dores, minúscula parcela daquela riqueza.

Louvável foi, portanto a valorização e reintegração dessas valiosíssimas peças do nosso passado artístico e cultural, cujas imagens, convenientemente restauradas, passaram a estar expostas à devoção dos fiéis e à visita de arte na Igreja do Palácio Nacional, expressamente decorada e destinada a tornar conhecida do público a importante série de imagens da procissão das Dores de Nossa Senhora. Todo este trabalho de valorização e reintegração — que já tornou possível a realização do imponente préstito no ano passado, foi devido à acção meritória da Direcção-Geral da Fazenda Pública, que encontrou no ilustre conservador do Palácio, sr. Armindo Alves de Carvalho, fiel intérprete desse desejo; da Irmandade, entusiasticamente, cuidado, qual se deve também a reintegração da outra procissão joanina da Penitência; do pároco, prior da basílica; a uma comissão engendrara-se com a mesma finalidade, e, muito ao nomeadamente a Câmara Municipal e a Comissão Municipal de Turismo, e ao entusiasmo e à fé do povo de todo o mesmo.

No próximo domingo tomam parte as entidades mais representativas de Mafra

Aguarda-se portanto que no domingo, 1.º, como há um ano, a procissão da Burrinha constitua uma nova e imponente manifestação de fé e louvor de todo o concelho de Mafra à Virgem Maria.

A designação dos andores, seguindo a ordem das sete dores da Nossa Senhora, é a seguinte: Profecia de Simeão, Fuga para o Egipto, O Menino Entre os Doutores, Encontro e Caminho do Calvário, Crucifixação, Descida da Cruz, O Senhor Morto.

Figura ainda um andor com a imagem de Nossa Senhora das Dores, padroeira do Hospital da Misericórdia, de Mafra. Neste majestoso e impressionante acompanhamento, ao cortejo religioso rarias vezes excedido, tomam parte as entidades, mais representativas de Mafra, tais como a Câmara Municipal, Escola Prática de Infantaria, Escola Militar de Equitação, Guarda Nacional Legião Portuguesa, Mocidade Portuguesa, direcção do Hospital, Irmandade do Santíssimo Sacramento, Grémio do Comércio, Bombeiros Voluntários, Comissão Municipal de Turismo, Serviços Florestais e Aquícolas, Conservatório Nacional, funcionalismo público, Seminário de S. Vicente de Paulo.

Do programa das cerimónias constam: missa rezada, às 9 e 30; bênção e procissão dos Ramos, às 11; procissão das Dores de Nossa Senhora, às 17. Das 16 às 17 horas, confessar-se-á o habitual concerto de carolhão.

A procissão dos Passos na Ajuda

Efectua-se hoje, na igreja paroquial da Ajuda, a lavagem da imagem do Senhor dos Passos e a investidura da túnica pela ela, ao concessão da Torre, e em seguida será a imagem conduzida processionalmente para o sepulcro, onde ficará exposta à veneração dos fiéis.

No domingo, às 19 e 30, realiza-se a procissão, que percorrerá o itinerário dos anos anteriores, acompanhada pela banda da P. S. P. e pela Filarmónica. Já prestito haverá sermão pelo rev. António Pereira de Almeida, prior de Cascais, e «Misereres cantado.

PADERNE (ALGARVE), 29. — Realizam-se no domingo, nesta freguesia, as festas dos Ramos e dos Passos, cuja procissão será acompanhada pela filarmónica local e pelas irmandades e associações religiosas.

FERRO DE MOINHOS (ABRANTES) — No domingo realiza-se a festa em louvor do Senhor dos Passos, com o seguinte programa: às 9 e 30, missa; com bênção dos Ramos; às 17, sairá a procissão com a imagem do Senhor dos Passos da igreja matriz, os sermões do Encontro e do Calvário são pregados pelo rev. Francisco Serra Pereira. A filarmónica Riomoinhense incorporar-se-á no cortejo.

Central de Camionagem em Castelo Branco

Uma portaria do Ministério das Comunicações nomeia uma comissão constituída pelos srs. engs. João Exal tação Cunha e João Augusto do Rego Bayam Júnior e António Antunes Pilo para estudar e pronunciar-se sobre a necessidade de construção de uma central de camionagem em Castelo Branco e, bem assim, acerca da sua eventual localização.

As festas da Semana Santa

MOITA DO RIBATEJO — As festividades da Semana Santa, nesta localidade, constam do seguinte programa: Domingo, às 11 horas, bênção, distribuição e procissão de Ramos, missa solene com canto da Paixão e sermão; às 17, procissão do Senhor dos Passos, sermão do Encontro, na Praça da República. Ao recolher do cortejo religioso haverá o sermão do Calvário. Dia 7, as 9 e missa solene cantada, com comunhão geral; procissão e exposição do Santíssimo; às 16, cerimónia do lava-pés a três pobres, com sermão; e às 21, Hora Santa solene pregada. Dia 8, às 9, canto solene da Paixão, adoração da Cruz, canto dos Impropérios, procissão do Santíssimo e missa solene dos Presantificados; às 15, em memória da morte de Jesus Cristo, haverá Via Sacra solene com pregação; às 21, sairá a procissão do Enterro do Senhor, com sermão de soledade ao recolher. Dia 9, às 9, bênção do lume e do Círio Pascal, canto do «Exultata e das dose profecias; bênção das Águas Baptismais, baptismo do adulto; missa solene de Todos os Santos, missa solene cantada, ministrando-se em seguida a comunhão geral; e dia 10, às 9, missa e comunhão geral; às 11, procissão da Ressurreição e às 12, missa solene cantada, com comunhão da Ressurreição do Senhor e bênção do Santíssimo.

O SÉCULO em Beja

Quarta-feira, 30 de Março

O COMANDANTE-GERAL da P. S. P. visitou a corporação na cidade e nouras localidades

O comandante-geral da P. S. P., sr. coronel Mário Cunha, acompanhado do inspector da corporação, o major Rodrigueiro, visitou, oficialmente, a P. S. P. desta cidade. Junto da esquadra, uma força das mesmas, sob as ordens do chefe, sr. Pinto de Almeida, prestou a guarda de honra, depois do que o sr. comandante-geral lhe passou

O sr. comandante-geral da P. S. P. passa revista à companhia da Polícia de Beja

revista, acompanhado do comandante distrital, sr. capitão Salvador Sanhenco. O sr. coronel Mário Cunha visitou, em seguida, as dependências da esquadra e as oficinas de serralharia, latoaria, sapataria e alfaiataria, que funcionam no edifício da corporação.

O sr. comandante-geral, que esteve também, no posto policial de Moura, partiu para Lisboa, regressando na passagem, o posto de Ferreira do Alentejo.

CANTINA ESCOLAR DO ALVITO — O sr. subsecretário de Estado da Educação Nacional telefonou ao sr. governador civil incumbindo-o de, em seu nome e agradecer aos srs. João da Silva Almeida e Gil, presidente da Câmara, e dr. Joaquim Toscano Sampaio o terem ouvido e tomado a sua conta a cantina escolar daquela vila.

O CHEFE DO DISTRITO VISITOU SABÓIA — O governador civil, sr. dr. Marques Fresco, visitou pela primeira vez a freguesia de Sabóia (Odemira), onde presidiu ao encerramento da missão sobre cultural da Campanha Nacional de Educação de Adultos que, durante algumas semanas, ali funcionou. O concelho Acompanharam-no os srs. dr. Bento Caldas, delegado do I. N. T. e dr. Joaquim Toscano Sampaio o tesolene Bento Caldas, delegado do I. N. T. e dr. Joaquim Toscano Sampaio o terem ouvido e tomado a sua conta a cantina escolar daquela vila.

O CHEFE DO DISTRITO VISITOU SABÓIA — O governador civil, sr. dr. Marques Fresco, visitou pela primeira vez a freguesia de Sabóia (Odemira), onde presidiu ao encerramento da missão sobre cultural da Campanha Nacional de Educação de Adultos que, durante algumas semanas, ali funcionou. O concelho Acompanharam-no os srs. dr. Bento Caldas, delegado do I. N. T. e dr. Joaquim Toscano Sampaio o terem ouvido e tomado a sua conta a cantina escolar daquela vila.

O CHEFE DO DISTRITO VISITOU SABÓIA — O governador civil, sr. dr. Marques Fresco, visitou pela primeira vez a freguesia de Sabóia (Odemira), onde presidiu ao encerramento da missão sobre cultural da Campanha Nacional de Educação de Adultos que, durante algumas semanas, ali funcionou. O concelho Acompanharam-no os srs. dr. Bento Caldas, delegado do I. N. T. e dr. Joaquim Toscano Sampaio o terem ouvido e tomado a sua conta a cantina escolar daquela vila.

O CHEFE DO DISTRITO VISITOU SABÓIA — O governador civil, sr. dr. Marques Fresco, visitou pela primeira vez a freguesia de Sabóia (Odemira), onde presidiu ao encerramento da missão sobre cultural da Campanha Nacional de Educação de Adultos que, durante algumas semanas, ali funcionou. O concelho Acompanharam-no os srs. dr. Bento Caldas, delegado do I. N. T. e dr. Joaquim Toscano Sampaio o terem ouvido e tomado a sua conta a cantina escolar daquela vila.

Cerca de 1.500 filiados da Mocidade Portuguesa tomam parte nos acampamentos da Páscoa

Começam depois de amanhã os acampamentos da Páscoa da Mocidade Portuguesa, em que tomam parte cerca de 1.500 filiados, devidamente seleccionados entre os muitos obtidos nos respectivos centros. Na Mata de Alcântara ficarão instalados os acampamentos dos centros das zonas das Escolas Técnicas e dos colégios particulares de Lisboa, com cerca de 500 filiados; na Quinta da Marinha, em Cascais, 50 filiados do Centro Escolar n.º 26 (Lucas D. João de Castro) e 70 do Centro Escolar n.º 27 (Lucas Passos Manuel); na Serra de Arrábida e na Tapada de Mafra, respectivamente, 90 e 60 filiados dos Centros Escolares n.os 22 e 24, que funcionam nos liceus Camões e Gil Vicente.

Também durante as férias da Páscoa 35 filiados do Centro Escolar n.º 13 (Escola Industrial Marquês de Pombal), realizam uma marcha, por étapas, na região dos Três Castelos, visitando as Aias de Setúbal e Sesimbra; e 120 filiados cadetes do Centro de Instrução e Milícia n.º 1 (Lisboa) deslocam-se para a região de Vila Viçosa, onde vão efectuar exercícios de aplicação de conhecimentos militares. Os cadetes da Milícia de Lisboa terão ocasião de efectuar várias visitas de interesse para a sua formação cultural a Évora, Elvas, Portalegre e Estremoz, estudando, ainda, o desenvolvimento das batalhas da Linha de Elvas e Montes Claros.

Nas Alas da Província da Estremadura, nomeadamente nas de Setúbal e Celas, é bastante elevado o número de filiados que vão participar nos acampamentos que as respectivas subdelegações regionais organizam.

Acúrcio Pereira

Talvez nem todos V.Exas. o conheçam. Vieram aqui, conscientes da sua fama justíssima, prestar-lhe uma homenagem sincera; ouviram falar muito dele, mas talvez nunca o tivessem visto ou não fossem capazes de ligar o nome à pessoa, e, quando os que o conhecem, fizessem coincidir o nome e a pessoa para identificar essa criatura de Deus, não me admiraria que à estupefacção de uns correspondesse o abanar duvidoso da cabeça de outros. É que sucede com frequência emprestarmos a uma pessoa que nunca vimos um corpo e um rosto que, afinal, não lhes pertencem. Quantos ficaram interditos perante Guerra **Junqueiro**, miudinho, franzino, fartamente barbado, olhinho esperto a bailar-lhe nas órbitas, e se recusaram a aceitá-lo em carne e osso, porque o imaginaram alto, espadaúdo, provido de sólida musculatura, indispensável, ao que acreditavam, a quem trovejava alexandrinos e brandia o olímpico raio dos anátemas contra o Padre Eterno, a devassidão dos costumes, a mentira, etc! E Junqueiro era aquilo mesmo, sem tirar nem pôr - - pequenino, magrizela, um homem que era quase só olhos ladinos ou coruscantes, nariz avantajadamente adunco e o resto... a vasta barba apostólica.

Pois com **Ele** - o nosso Ele de hoje - passa-se o mesmo. Vou descrevê-lo. Peço a V.Exas. exerçam um esforço de concentração para, mentalmente, realizarem um retrato. Pele e osso, altura ao redor de 1m,75, ligeiramente curvado. A idade, se lhe tirou os dentes e se do cabelo lhe deixou uma recordação, não conseguiu arrancar-lhe a vivacidade do espírito que lhe transparece nos olhos escuros; na pele pergaminhada do rosto avulta um nariz seco, um tanto comprido - sem favor - fazendo ângulo obtuso com o lábio superior - um nariz que, quando nele, me fixo - desculpem-me a aproximação - me traz à memória o de certa múmia egípcia que há anos andou em triunfo pelas páginas das revistas

internacionais e que perspicazes arqueólogos farejadores de túmulos do vale do Nilo etiquetaram como de um faraó Sesostris.

Além disso duas mãos ossudas. Quando ambas não evolucionam nos ares, expressivas, ilustradoras e esclarecedoras da conversa cintilante ou da narrativa colorida, uma delas segura um cigarrito esquelético, que é chupado com delícia, ou esgrime magistralmente a caneta ou o lápis célere por cima do papel branco. Remate: no Inverno, um chapelinho redondo, à maneira de testo, como usava aquele bondoso e suave D. João da Câmara, um testo que tem seu quê de resplendor, ou uma boina basca que dir-se-ia, pela maneira como o modula, fazer parte do crâneo; no Verão, o chapelinho ou a boina adormecem, inúteis, no cabide do corredor. Uma certa negligência no vestir... porque ele tem sempre muito mais que fazer do que cuidar de catitismo.

Este é o homem por fora, o homem que o Chiado vê passar há umas dúzias de anos, subindo ou descendo, com porte de amarração na Brazileira. Este é Gustavo de Matos Sequeira.

Por dentro, é um mundo, um mundo fantástico, imprevisto, um mundo que espanta. Muitas vezes tenho perguntado a mim mesmo como é possível, dentro de aquelas escassas medidas de largura onde, como em qualquer outro mortal, devem estar armazenadas vísceras, ossos, cartilagens, etc., cabe todo o resto. E justamente esse resto é maravilhoso em coração, multiplicidade de aptidões e talentos. Se aptidões e talentos tivessem volume, a corpulência de um elefante dos mais crescidinhos seria escassa para servir de cofre às aptidões e talentos de Matos Sequeira.

Aqui há uns catorze anos, quando, no Século, ele proferiu a sua elegante, sugestiva e original conferência sobre Fradique Mendes, símbolo dos Vencidos da Vida, eu previa a confusão que um século mais tarde suscitaria entre os membros da Academia das Ciências uma farta

dúzia de Matos Sequeiras, por vezes em ofícios contrastantes. Começava por pôr em cena um circunspecto investigador que, tendo mergulhado deliciadamente nesse monumento de arqueologia nacional que é Lisboa depois do Terramoto, ficava surpreendido no mais alto grau por ter topado nos arquivos alfandegários documentos fechando por um gatafunho que, embora com dificuldade, decifrou, sem a mais leve sombra de dúvida, como Gustavo de Matos Sequeira, sub-director da Alfândega de Lisboa. E, quando corria a casa de um colega para lhe dar conta da imprevista descoberta, eis que o outro lhe desfecha, sorridente, que, em 1932, um Gustavo de Matos Sequeira foi relator de um parecer sobre as projectadas obras da continuação da Avenida da Liberdade através do parque Eduardo VII. E, de aí a pouco, à Academia em sessão, ambos levavam em alvoroço as perturbadoras informações. Já não era espanto! Era assombro, porque outro sábio declarava ter encontrado vestígios, de, por volta de 1921-22, um Gustavo de Matos Sequeira ser proprietário de um bric-à-brac para as bandas das Portas de Santo Antão; e mais um revelava que, no começo do segundo quartel do século XX, ainda um Gustavo de Matos Sequeira andava pelo Largo de S. Domingos atarefado na reconstituição de um mercado do século XVII. E foi um nunca acabar! Este gritava saber que, em 1935, alguém com o mesmo nome e apelidos planeava, desenhava e construía, no antigo sítio das Francesinhas, um trecho da Lisboa setecentista com seu páteo de comédias, sua ermida, seus esbirros, seus vendedores, etc; àquele anunciava que num jornal da época, O Século, que se publicava na zona dos Paulistas, um novo Gustavo de Matos Sequeira, organizava uma exposição de troféus de Desporto; e surgia o que escrevera uma livraria em peso, o que fizera dezenas e dezenas de conferências, dezenas e dezenas de palestras, dezenas e dezenas de discursos; o que, em 1915, assinava com dois colaboradores as coplas da revista Dominó; o que escrevera o Auto de Santo

Antonio representado, em 1934, no átrio da Sé; o que, com Leitão de Barros e Mimon Anahory, erguera no Parque de Palhavã a primeira Feira Popular de Lisboa, ao geito e dentro do pitoresco das velhas feiras citadinas de Santos, Alcantara e Belém. A trajectória do conferente traduz-se por uma curva cujos extremos se perdem no infinito. Vai desde a transformação do Rossio, debatida, na época, em prosa áspera e em verso que não chamarei livre para não se confundir com verso branco, mas que poderei chamar verso libérrimo, às faianças portuguesas, tão louçãs e graciosas; do problema literário O Fundo Lírico Galaico da Poesia Portuguesa à nota bem alfacinha do Chiado, seu amor de transeunte e seu trono; dos Presépios tradicionais à nacionalíssima arte tauromáquica. Para ele tanto lhe faz perorar ao ar livre na Rua da Prata entre a burguesia comercial, como na severa Academia das Ciências; no Castelo de São Jorge, medieval acrópole sagrada, como em Telheiras, em Mafra ou na Rinchoa entre saloios rudes e matreiros; no Automóvel Clube como no miradouro de Santa Luzia, debruçando-se sobre o casario apinhado de Alfama. E dizia eu, como remate da minha risonha invenção: "De aqui a mil anos Matos Sequeira será um enigma!"

Aquela maravilhosa cabeça sempre em ebulição, sempre alerta, sempre frementes ideias, lembra as secretárias de outros tempos com uma infinidade de gavetas, e, ainda... ainda, um escaninho secreto de que só o proprietário conhece o sítio da mola que traz à vista o recheio bem guardado no esconderijo. Trabalha incessantemente como uma formiga; mas canta, não a cega-rega monótona da cigarra, canta alegremente, triunfalmente, como os melros ou os rouxinois. Mesmo nos minutos de repouso - e eu sou testemunha idónea por quarenta anos de camaradagem que podia dizer-se irmandade - ele esgaravata prosa ou verso. Uma vez que, no Século, lhe pedi uns minutos para concluir

um trabalho antes de encetarmos uma conversa, Matos Sequeira, pachorrentamente, sentou-se a uma mesa, rapou uns linguados do bolso e desatou a escrever. E, quando o interroguei sobre a tarefa que o absorvia, ele respondeu-me com uma naturalidade e uma simplicidade cujo segredo detem: - Uma versalhada que me pediu um grupo dramático!

Porque isto é uma revelação - Matos Sequeira é um poeta de raça, colorista soberbo, lírico dos mais nobres, traduzindo em elegante rima expontânea o que comove ou impressiona. Se o encargo que me entregaram não fosse diverso, era capaz de lhes recitar aqui um de aqueles primorosos sonetos que ele deve ter escrito distraidamente entre uma fumaça e um café, no meio da barulhada infernal de mil linguas que enche a Brazileira pelas tardes; um de aqueles sonetos que poderiam figurar, que têm direito de figurar numa antologia. E porque não? Gostaria saíssem de aqui conhecendo melhor esse admirável Matos Sequeira que só ele, ele só é uma Academia em pleno. Deem-me licença. Um dos sonetos intitula-se Azinhaga.

Campos da Golegã. Varzeas cortadas
de veios de água, searas e lameiros,
e a teoria dos choupos e salgueiros
sentinelas pagãs sempre acordadas.

Do gado bravo as céleres manadas
cruzam as relvas fartas dos arneiros
e os cavalos, nervosos e ligeiros,
passam em formidáveis galopadas.

Brilha o sol. Como lanças medievais,
postos alto, os rústicos pampilhos
traçam no ceu desenhos triunfais.

Campinos da Azinhaga... Ei-los! Lá vêm!
Bendita a terra que criou tais filhos!
Felizes filhos que tal madre têm!

Era tudo isto, o Matos Sequeira arqueólogo, poeta, conferencista, dramaturgo, revisteiro, investigador, realizador de festas populares, amador tauromáquico, etc., etc., tudo isto tem uma origem comum. Digo-o com orgulho. É que Matos Sequeira é um jornalista completo, um jornalista medular, cujos dentes quase lhe nasceram em presença da letra de forma, cujo espírito acordou, cresceu, desenvolveu-se, afinou-se, robusteceu-se nas salas das redacções, impregnadas do nervosismo e da inquietação das notícias, na ansia galopante de oferecer quentinha ao leitor a narrativa do acontecimento que faz vibrar, do caso de rua que lhe espicaça a curiosidade, do entre-filet ligeiro e negligente, da anedota que lhe desprega os lábios num sorriso. A erudição avantajada de Matos Sequeira, as poeiras que tem absorvido nos arquivos, não embaciam a expontaneidade da sua prosa que é uma soberba lição de prosa de jornal - correntia, transparente, colorida, sintética, sugestiva, mantendo nobre lealdade com a formosa língua portuguesa. Ele cujo nome prestigioso anda em portadas de livros, em citações de mestres nacionais e estrangeiros, que pode ostentar ao peito as consagradoras insignias de três academias, acomoda-se perfeitamente, disciplinadamente, quando é preciso, no anonimato que envolve os seus colegas. É o trabalho em si que o revela. Na notícia, na crónica de viagem, no comentário, no perfil de uma individualidade, no artigo de ressurreição histórica em que é muito hábil e palpitante, na crítica teatral, tauromáquica ou literária, no artigo de capa de esperges, na reportagem do acontecimento do dia o seu espírito observador, a sua visão segura, o seu

agudo sentido profissional marcaram os pontos essenciais e decisivos para responder às exigências do leitor, para o ensinar quando preciso, para o elucidar e o guiar. Matos Sequeira é um reporter e, dentro do seu ofício, o reporter é uma criatura complexa, em que se acomodam as qualidades mais opostas, sem se chocarem, antes harmonizando-se e completando-se, qualidades que é preciso trazer treinadas permanentemente e permanentemente em vigilância. O reporter é nos jornais a grande e vigorosa mola da emoção e do sensacionalismo; o reporter é o pintor, de pincelada larga, do acontecimento que perturba e arrasta uma cidade, uma nação, um povo; o reporter é aquele que para conquistar uma notícia tem de ser paciente e ousado, teimoso e finório, enérgico e acomodatício, comedido e desassombrado; é aquele que não come ou não dorme quando o dever lho impõe; é aquele que nada é capaz de derrubar no seu optimismo, a grande força da sua vitória. Matos Sequeira conhece-o como poucos, sabe do ofício como raros, e, sendo dos primeiros, ele jamais esquece a camaradagem firme, certa, benevolente para com os que principiam ou são mais modestos em aptidões. É vê-lo entrar, desprevenido, na redacção, a fatal beata entre os dedos secos. De repente estoira um assunto, e logo ali, na aba de uma carteira, a sua pena corre num improviso irreprimível, marcando com o seu estilo natural e viçoso o descritivo ou o narrativo. No Mundo, na Manhã, no Diário da Tarde, no Diário Popular, no Século, em dezenas e dezenas de jornais e revistas, alinham-se colunas e colunas através de cincoenta anos, documentando constante actividade jornalística que, se é orgulho dele, figura também entre os melhores pergaminhos de todos nós.

Matos Sequeira, espectador de Lisboa, da sua Lisboa que ele conhece no passado porque calcurriou vielas e quebra-costas, aca-

maradou com mesteiriais e cavaleiros, presenceou a tomada de Lisboa, que soube contar numa saborosa e viva reportagem; viu à luz dos brandões agigantar-se a sombra dansante de Pedro, o Cruel; assistiu à azáfama dos estaleiros e ao aparelhar de galeões, caravelas e naus; ao desfile trágico das clamorosas procissões suplicando a protecção divina para a cidade empestada; frequentou os páteos de comédias, e, lambareiro, trocou glosas de motes por doces das freirinhas em outeiro de Odivelas, Matos Sequeira é o criador das evocações ao geito das reportagens de hoje, reportagens vivas, movimentadas que, por isso mesmo, penetram com maior facilidade no entendimento popular; mas é também o cronista da Lisboa dos nossos dias, tão acolhedora, risonha, rescendendo a mangetico, cantarolando ao Sol da Primavera; enternecendo-se à luz espraiada de ouro velho do Outono; embiucada mal o Inverno arrasta as chuvas, os frios e os nevoeiros. Cincoenta anos de jornalismo!